

A IMAGINAÇÃO EM TOLKIEN, SUA VIDA E OBRAS

Emanuelle Garcia Gomes. Universidade Federal de Uberlândia / UFU.

Email: emanuellegg@yahoo.com.br

RESUMO

O trabalho busca pontuar algumas passagens acerca do mundo criado pelo autor inglês John Ronald Reuel Tolkien. Os pontos de discussão estão presentes na literatura do autor, como “fantasia”, “mitologia” e que estiveram presentes em sua vida, carreira acadêmica e em sua literatura. Analisaremos o imaginário tolkieniano; as influências diretas e indiretas que recebeu ao longo dos anos para a construção das obras, sendo que as idéias partirão de “O Hobbit”, o “O Senhor dos Anéis” e o livro sobre a Criação de Arda, “O Silmarillion” - com as quais é possível analisar o *legendarium* tolkieniano. Percebendo que as línguas antigas e as culturas que usavam, Tolkien chegou a uma conclusão de que, ao contrário da Europa Central ou da Escandinávia, a Inglaterra não possuía qualquer conjunto de lendas escritas que formassem uma mitologia completa. Foi então, sob esse pensamento que “subcriou” um conjunto de mitos e sagas, combinando imaginação ativa e disciplinada e compreensão da língua. Acreditamos que Tolkien carregou as histórias da Terra-Média de aspectos instigantes, complexos, e fascinantes, como os mitos antigos de sociedades greco-romanas, germânicas ou sumérias atingem e seus gostos e desejos foram levados em consideração para a sua criação de obras.

Palavras-chave: Tolkien, fantasia, literatura, mitologia

O trabalho em questão tem como intuito, discutir e pontuar algumas passagens acerca do mundo criado pelo autor inglês John Ronald Reuel Tolkien. As concepções que trazemos como pontos de análise presentes na literatura de Tolkien, tais como “fantasia”, “mitologia” estiveram presentes em sua vida, carreira acadêmica e também em seu legado literário. Serão aspectos importantes: o que é a fantasia e o mito na literatura e imaginário tolkieniano; as influências diretas e indiretas que recebeu ao longo dos anos, para a construção das obras que tomamos conhecimento. As idéias partirão da ficção de um mundo chamado “Arda”, mais especificamente a “Terra-Média”, com forte influência da mitologia nórdica, criada pelo autor inglês em seus livros, os três livros que compõem “O Senhor dos Anéis” – “A Sociedade do Anel”, “As Duas Torres”, “O Retorno do Rei”, o livro sobre a Criação de Arda “O Silmarillion” - com as quais é possível analisar as características de fantasia, mitos, magia e ficção - e “O Hobbit”.

“O Senhor dos Anéis” foi escrito entre 1937 e 1949. A obra, originalmente é a seqüência da primeira publicação de Tolkien intitulada “O Hobbit”(publicada em 1937) e suas três partes foram publicadas entre 1954 e 1955. Desde então foi traduzido em mais de 40 línguas, passando assim a ser um dos romances épicos mais populares do século XX.

As histórias - em linhas gerais - ocorrem em um tempo e espaços imaginários, que de acordo com o autor, são como se fossem uma Europa mitológica, que não conhecemos, e apresentam uma narrativa desconhecida e pouco explorada, com humanos e outras raças como elfos e anões. Tolkien deu o nome a esse lugar de

“Middle-earth”, traduzido para “Terra-Média”. Em “O Senhor dos Anéis” a narrativa se ambienta nesse lugar, em que há a formulação dos personagens na chamada “Guerra do Anel”, na qual várias raças como Homens, Elfos, Hobbits e afins, lutam contra outras raças associadas a Sauron, O Senhor do Escuro, criador e dono do “Anel do Poder”, aquele que detém o controle de todos os outros anéis mágicos na Terra-Média. Esse é o cerne da trama desenvolvida sob o olhar de vários personagens, em especial do principal – Frodo – que tem a missão de destruir “O Anel”, acabar com o poder maléfico de Sauron e devolver assim a liberdade aos povos da Terra-Média. Além disso, a narrativa conta com uma série de apêndices explicativos com mapas, explicações linguísticas (inclusive das línguas inventadas pelo autor), árvores genealógicas dos personagens, entre outras especificações. Esses apêndices na obra forneceriam, de algum modo, verossimilhança à narrativa?

As obras englobam aspectos de filologia - nas quais é a formação do autor -, mitologia (especialmente a nórdica), religião (particularmente a Católica, embora não bem explícito), e contos de fadas. Tolkien criou um universo fictício completo e altamente detalhado, onde “O Senhor dos Anéis” se passa. Para se entender bem essa obra de Tolkien, é necessário o conhecimento prévio da primeira publicação, “O Hobbit” e a publicação posterior com contos como uma coletânea de trabalhos mitopoéticos de Tolkien, organizados pelo seu filho, pós a sua morte, que formam uma abrangente, ainda que incompleta, narrativa que descreve o universo da “Terra-Média” junto com seus outros livros “O Hobbit” e “O Senhor dos Anéis” e preenche certas lacunas. Este é “O Silmarillion”.

A narrativa de Tolkien é repleta de elementos e personagens de aspectos míticos, e de fantasia e magia; como “O Anel”, personagens que são magos – além de sábios, possuem conhecimento em magia -, elfos e outras raças que não são humanos, possuem poderes – estes para o bem ou para o mal, com pureza ou maleficência. Sejam objetos ou personagens quais forem, são elementos de interpretação, pois alguns atributos dos mesmos são pontos de discussão por terem significações plurais, por exemplo, por significarem ao mesmo tempo causas de medo e repulsa. Em contraponto, as mentalidades contemporâneas ao tempo em que Tolkien escrevia e publicava seus romances a respeito da chamada “Terra-Média” (e que continuou e aumentou significativamente depois da popularização da literatura do inglês via a produção cinematográfica), o medo deu lugar a aspectos de cunho de fascinação, admiração e beleza.

Antes de iniciar qualquer debate sobre conceitos de literatura fantástica, mitologia, real e imaginário, devemos nos ater a pequenos esclarecimentos, afim de não parecermos com esse artigo, contraditórios.

É importante destacar um posicionamento pessoal calcado na própria opinião de Tolkien a respeito de suas obras. Analisá-las – em especial as três partes que compõem “O Senhor dos Anéis” a qual focaremos – como alegoria fantástica, uma interpretação alegórica relacionando a história do livro ao momento histórico vivido, comparando a “Guerra do Anel” à II Guerra Mundial é, a nosso ver, no mínimo um equívoco. Levar essa noção até o fim da pesquisa torna tudo, ainda, digamos, descartável, quando nos colocamos atentos ao que o próprio Tolkien diz no prefácio de “O Senhor dos Anéis”, volume único:

Quanto a qualquer significado oculto ou ‘mensagem’, na intenção do autor estes não existem. O livro não é nem alegórico e nem se refere a fatos contemporâneos. [...] Suas fontes são coisas que já estavam presentes na mente muito antes, ou em alguns casos já escritas, e

pouco ou nada foi modificado pela guerra que começou em 1939 ou suas sequelas.

E segue com posicionamento esclarecedor e enfático, em outro trecho mais adiante:

Outros arranjos poderiam ser criados de acordo com os gostos ou as visões daqueles que gostam de alegorias ou referências tópicas. Mas eu cordialmente desgosto de alegorias em todas as manifestações, e sempre foi assim desde que me tornei adulto e perspicaz o suficiente para detectar sua presença. Gosto muito mais de histórias, verdadeiras ou inventadas, com sua aplicabilidade variada ao pensamento e à experiência dos leitores. Acho que muitos confundem ‘aplicabilidade’ com ‘alegoria’; mas a primeira reside na liberdade do leitor, e a segunda na dominação proposital do autor.

Ressalta-se inclusive, que o pensamento parece comum quando alguns analisam a obra como alegórica a partir da vivência de Tolkien e sua participação na Primeira Guerra Mundial:

É claro que um autor não consegue evitar ser afetado por sua própria experiência, mas os modos pelos quais os germes da história usam o solo da experiência são extremamente complexos, e as tentativas de definição do processo são, na melhor das hipóteses, suposições feitas a partir de evidências inadequadas e ambíguas.

De fato, a ideia base de “O Senhor dos Anéis” veio antes mesmo de qualquer proposta da existência da Bomba Atômica. É preciso evitar esse anacronismo e essa justificativa como “razão” simplista a interagir com a obra e o autor.

O primeiro passo do trabalho é conceituar fantasia, mito, saga e subcriação. Primeiro como conjunto de textos e tradições literárias, com a qual dialoga Tolkien – com a qual também buscamos dialogar - ; as estratégias do autor para compor uma literatura próxima dessa tradição literária; o repertório vasto de imagens e referências da literatura de fantasia, mobilizado pelo autor.

O conceito que vale a pena comentar, afim de mostrar algumas possíveis intenções dos escritos de Tolkien é o de “subcriação”: a partir da linguagem o homem altera o mundo a sua volta e “subcria” uma nova realidade. O mundo primário, ou seja, o mundo que vivemos, está ligado, como base de formação para o que o autor chama de mundo secundário. Nesse sentido a fantasia não nega, nem se distancia do que chamamos de mundo real. Sob esse aspecto detalharemos na primeira parte deste estudo, podendo entender assim como e por que Tolkien costumava dizer que não criou sua mitologia, mas sim a descobriu, prevendo seu desenrolar, quase por acaso. Admite então que a sua aplicabilidade é possível, mas jamais à custa da liberdade interpretativa de quem lê. Um bom conto deve mais que nunca ter mais sentidos que um leitor possa imaginar ou prever, tornando-o assim melhor que o seu criador.

Dessa forma, queremos com esse trabalho dar destaque ao que o professor Tolkien mais desperta com seu legado: a facilidade de unir o rigor acadêmico à criatividade artística, ao mundo fantástico por ele criado, a “Terra – Média”.

Vamos tratar as obras de J. R. R. Tolkien de forma a explorar a fantasia e mitologia presentes nestas, que contém histórias ambientadas na chamada “Middle – Earth”. Os pontos de discussão são fantasia e mitologia, partindo dos conceitos tais

gerais e específicos colocadas tanto a partir do ponto de vista de uma análise crítica como daquele que provém de alguém que aprecia suas obras e compreende que é necessário conhecer historicamente as circunstâncias das quais tais obras foram produzidas. Além das circunstâncias que estas obras foram produzidas, de acordo com biógrafos e estudiosos, definiremos a partir de alguns autores, delimitando traços de produções literárias antes de Tolkien. Focamos o uso de biógrafos, estudiosos e especialistas, para apresentar algumas fontes de influências ou escolhas, das quais o professor se afeiçoava ou tomou contato. Certas passagens biográficas serão necessárias para nos posicionar com relação à linha de pensamento até as produções de suas obras. Alguns detalhes de sua vida têm ecos em suas obras, como veremos adiante.

John Ronald Reuel Tolkien nasceu em 3 de janeiro de 1892 na atual República Sul-Africana. Três anos depois voltou à Inglaterra onde sua família vivenciou problemas financeiros a partir da morte de seu pai (KYRMSE, 2003).

Biógrafos como Michael White e Humphrey Carpenter (que detém a publicação de uma biografia oficial do professor Tolkien) e estudiosos como Ronald Kyrmse apontam uma lembrança de sua primeira infância cabal para entender a inclusão de um tipo de personagem em seus principais livros. Certa vez, John foi picado por uma tarântula quando ele havia mal começado a andar. A babá sugou o veneno, de forma que nada aconteceu ao jovem Tolkien, mas aparentemente a imagem de aranhas o impressionou bastante, informando – talvez – a inclusão de aracnídeos obscuros e malévolos em “O Hobbit”, “O Senhor dos Anéis” (Shelob – ou na tradução a “Laracna”) e “O Silmarillion” (aliada de Morgoth, chamada Ungoliant).

Foi então em meados de 1896 que a vida da família começou a passar por significativos problemas financeiros e mudanças. Fora da casa dos Suffields, Mabel e os filhos mudaram-se para a aldeia de Sarehole. Essa nova morada, bastante rural na época, acabou tendo no jovem Tolkien uma influência importantíssima: configurou o protótipo do Condado (KYRMSE, 2003, p. 4). De acordo com Kyrmse, o amor de Tolkien por árvores, muito refletido em suas obras, deve datar desse período de sua vida.

Com quatro anos, John Tolkien já sabia ler. Sua mãe o ensinou as primeiras lições, de caligrafia e idiomas, o que revelou seu pendor por desenho, gosto por histórias de aventuras e pelas línguas. Segue abaixo, um trecho de “Explicando Tolkien” onde Kyrmse explicita o espírito aventureiro do jovem professor:

Muito mais tarde, já adulto, Ronald confessou: ‘Eu desejava dragões com um desejo profundo.’ Também seus sonhos estavam se tornando aventurecos. Envolviam uma onda enorme que alcançava, impossível de ser detida, e tragava os campos, as árvores, tudo o que encontrava pela frente. Esse ‘complexo de Atlântida’ acompanhou-o por muitos anos, e foi sublimado quando Tolkien compôs seu próprio mito de uma civilização que submerge no oceano: a história da Queda de Númenor (KYRMSE, 2003, p. 5).

A história da Queda de Númenor, a “Terra do Oeste” onde se instalaram os Edain depois de longas guerras contra Morgoth, está associada à Queda de Atlântida e nela foi inspirada. Morgoth, ou Melkor (que em Quenya¹ significa “o que se levanta em poder”) foi o mais poderoso espírito da ordem do Ainur, os Sagrados, criados por Eru Ilúvatar (o Deus da mitologia criado por Tolkien) antes que o mundo existisse. Melkor

¹ Quenya trata-se da língua fictícia criada por Tolkien para que fosse falada entre os Elfos da Terra-Média, lugar de criação onde passam suas histórias.

era como se fosse o maior dos anjos, assim como Lúcifer na história de criação do mundo cristã.

A semelhança está nos detalhes: quando Eru Ilúvatar ordena o início da Canção dos Ainur, a grande música que prenuncia o surgimento do universo, Melkor não se contenta em ser um mero participante: seu orgulho se torna cerne de sua queda e ele tenta controlar e modificar a Canção, desafiando os propósitos de Ilúvatar. Com isso, acaba gerando discórdia e violência, levando outros Ainur para sua “rebelião”. Eru remodela a música para mostrar que ainda é o senhor dela, ao mesmo tempo em que não retira de Melkor e dos que se uniram a ele, o dom da liberdade. Por isso, a discórdia que o rebelde introduziu na Grande Canção passa a fazer parte da própria estrutura de Eä, o Universo ao qual Eru dá a existência com base na música dos Ainur.

A lenda de Atlântida foi criada pelo filósofo grego Platão, que relata a vida de um povo sábio e poderoso no Ocidente e sua destruição pelo mar, causada pela ira dos deuses. Consta nos livros de J. R. R. Tolkien publicados postumamente pelo seu terceiro filho, Christopher Tolkien, em especial “O Silmarillion” (e também em “Os Contos Inacabados”) que Númenor era uma grande ilha em Arda (a Terra), localizada à Oeste da Terra – Média, sendo então considerada pelo autor o maior reino dos Homens.

A criação de Arda aparece pela primeira vez em “O Silmarillion” sob o título de “O Ainulindalë”, a Canção dos Ainur. No princípio, só havia Eru Ilúvatar, o Único (figura que pode ser entendida como o Deus judaico-cristão da Bíblia). A primeira ação de Eru é gerar a partir de seu pensamento os Ainur, em quenya “os Sagrados” – criaturas espirituais de grande poder e sabedoria comparados por Tolkien à anjos da tradição cristã. Ilúvatar, então propõe aos Ainur temas de música, a princípio cantados individualmente. Quando sente que alcançaram certa harmonia, Eru oferece um tema grandioso, da qual todos deveriam participar, enriquecendo-a com seus próprios dons e pensamentos. Esta é a Canção dos Ainur, chamada de Ainulindalë. E é nesta que surge o Mal pela primeira vez. Melkor, o Ainu - a quem Ilúvatar deu maiores dons e poderes - decide modificar o tema proposto, desejando fazer da canção seu domínio e domínio de seus companheiros. Mas Ilúvatar se opõe a ela, com novos temas, incorporados com a discórdia e a confusão do Ainu rebelde, com o tempo sobrepujadas mostrando o poder supremo do Criador. A música então cessa, e então Eru mostra aos Ainur uma visão de incrível beleza, que começa a desenvolver uma história diante deles. Esta é resultado da Canção, agora de forma visível. Ilúvatar percebe o desejo de suas criações de que a visão se tornasse real e pronuncia a palavra de poder: “Eä! (em quenya “é” ou “que seja”) Que essas coisas sejam!”. Eru envia então a Chama Imperecível para o coração do Universo, que passa a se chamar também de Eä, o Mundo que É.

Muitos Ainur então decidem, com a permissão do Criador, entrar no Universo para habitá-lo e para passarem a protegê-lo em nome de Eru. A estes passam a ser chamados de Valar – os Poderes do Mundo. Junto com eles, outros Ainur de menos poder e sabedoria também descem a Eä e se tornam os Maiar. A missão destes é zelar por Arda, abrigar os Filhos de Ilúvatar, Elfos e Homens. Contudo, Melkor também entrou em Eä, corrompendo muitos Maiar ao seu serviço e pouco a pouco vai decaindo seu poder de majestade dos Valar; aprisiona a si em uma forma sinistra e tenebrosa para praticar o mal, não como uma prática deliberada, mas como consequência de desencadeamentos.

Quando Tolkien vivia em Sarehole, sua mãe Mabel resolveu converter-se ao catolicismo, junto com a irmã, May. Houve imediata rejeição do restante da família, protestante como a maioria dos ingleses da época. Assim, os meninos foram educados na recente religião abraçada pela mãe. John ingressou em 1900 na King Edward’s School em Birmingham. Mabel e os meninos acabaram se mudando a contra gosto para

a cidade, e a cidade apinhada de gente, com desordem, falta de harmonia e poluição industrial, não seria bem uma das paisagens favoritas de Tolkien. A conversão ao cristianismo significava um problema a ser enfrentado pela mãe de Tolkien, mas a escola era o local ideal para o desenvolvimento intelectual de Tolkien. As duas passagens se revelaram em momentos das quais podem ser atribuídos ao Tolkien adulto e escritor: pessoalmente como religioso católico e profissional com relação a sua formação intelectual. O “cenário” dessas duas perspectivas, figuram na construção das narrativas: a criação de um mundo monoteísta e a filologia.

Há também a afirmação de que Tolkien não era muito adepto a modernidades como carros, indústrias cujo pendor continuou quando adulto, sempre em defesa da natureza. O cerne desse sentimento, talvez resida em seu tempo de infância e nas lembranças de Sarehole, onde ele e seu irmão cultivaram um senso de veneração pelo campo inglês e pela natureza em geral. Quando adulto, um dos maiores pecados do mundo moderno era o desprezo pelo mundo natural. Além disso, podemos avançar um pouco mais, encontrando na infância no campo, maior possibilidade de cenário de imaginação que Tolkien formularia como escritor. Dessa forma, mais tarde, Tolkien começaria sua teoria sobre subcriação e contestaria o que muitos entendem como a separação escrita entre mundo real e fantasia. Um trecho que condena esse sentimento aparece no seu ensaio “Sobre Histórias de Fadas” escritas a partir de uma palestra em 1939²:

Não faz muito tempo (...) ouvi um erudito de Oxford declarar que ‘saudava’ a proximidade de fábricas robotizadas de produção em massa e o rugido do tráfego mecânico auto-obstruidor, porque isso punha sua universidade em ‘contato com a vida real’. Pode ser que ele quisesse dizer que a forma como os homens vivem e trabalham no século XX está crescendo em barbárie e uma taxa alarmante, e que a ruidosa demonstração disso nas ruas de Oxford pode servir de alerta de que não é possível preservar por muito tempo um oásis de sanidade num deserto de irracionalidade com simples cercados, sem real ação ofensiva (prática e intelectual). Temo que não quisesse. Seja como for, a expressão ‘vida real’ nesse contexto parece ficar aquém dos padrões acadêmicos. É curiosa a ideia de que automóveis são mais ‘vivos’ do que, digamos, centauros ou dragões. É pateticamente absurdo dizer que são mais ‘reais’ do que, digamos, cavalos. (TOLKIEN, 2010, p. 71).

Tolkien critica os critérios usados pelo colega sobre o que é “real”, indicando a proximidade da “vida real” para ele e para o colega. Se um apontava que automóveis e fábricas eram mais vivos, atacaria, assim, um suposto escapismo das obras de Tolkien a preferir cavalos a automóveis, ou talvez, também considerasse que o real é também criação, sob a perspectiva que ele pressupunha para imaginação.

Considerando duas formas, sobre a posição tomada pelo autor em favor da natureza em suas histórias pela Terra-Média, ou do chamado Belo Reino, encontramos aspectos centrais para a trilogia de livros que compõe “O Senhor dos Anéis”, por exemplo. Apresentamos uma hipótese de que o lado ruim (ou seja, contra a natureza) seguramente é representado por Mordor, onde o domínio do Senhor do Escuro, Sauron,

² O ensaio Sobre Histórias de Fadas foi escrito para uma palestra da série Andrew Lang, a qual foi pronunciada na Universidade de St. Andrews, na Escócia, em 8 de março de 1939, originalmente publicado em 1947, em ensaios apresentados a Charles Williams (Essays presented to Charles Williams em Oxford) e, depois, junto com Leaf by Niggle na primeira edição de Tree and leaf em 1964.

tem ali toda a forma de terra destruída por um desastre ecológico, onde o solo é impregnado de “veneno”, proporcionando que nada cresça por lá. A ambição de poder sugere não ter limites para satisfazer o desejo de Sauron, de domínio e maleficência para com a natureza. O lado proporcional de defesa do meio ambiente acreditamos ser representado pelos Ents, os Pastores das Árvores, que como personagens que conferem sabedoria, andam e falam, e defendem a natureza de seus semelhantes. Defendem a tal ponto de marcharem em batalha, na segunda parte do livro - “As Duas Torres” - contra a malícia e o desmatamento de Saruman, que promulga em Isengard a construção de um exército letal em favor de Sauron, na grande Guerra do Anel. Enfim, Saruman recebe o que merece de suas próprias vítimas.

Outro aspecto a respeito de destruição em massa, visando o poder por uma guerra, podemos ressaltar algo de relevante importância: primeiramente, muitos críticos associam a sua mais famosa obra - “O Senhor dos Anéis” - à Segunda Guerra Mundial. Tal afirmação já foi refutada pelo próprio autor no prefácio de segunda edição do livro. A forma alegórica dos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial comparados aos da Guerra do Anel é, segundo as manifestações de seu autor, nula. Primeiro porque o próprio autor revelou não ter se inspirado nela, e segundo que manuscritos da obra antecedem o início da guerra. Muitas partes de fato, foram escritas enquanto ela ainda acontecia, mas qualquer associação da literatura com os fatos históricos é desaconselhável porque assim esta pesquisa se aproximaria da interpretação alegórica, entrando então em contradição com os propósitos de discorrer das reflexões sobre as complexas obras do professor Tolkien.

Sobre sua aversão a ações destruidoras da guerra e da tecnologia, podemos perceber pelo apelo ético e sentimentos de afeto para com o mundo da natureza em algumas de suas cartas³. Um delas do ano de 1945, para Christopher Tolkien, seu terceiro filho, logo após a explosão da bomba atômica em Hiroshima:

As notícias de hoje sobre ‘bombas atômicas’ são tão horríveis que se fica atordoado. A completa insensatez desses físicos lunáticos consentindo em fazer tal trabalho com propósitos de guerra: calmamente tramando a destruição do mundo.⁴

Outra citação (abaixo) vem de uma carta de 1972 ao Jornal Daily Telegraph onde fala dos desmatamentos ::

Nada se compara à destruição, tortura e assassinato perpetrado por indivíduos e funcionários do governo [na Inglaterra]. O som selvagem da serra elétrica nunca silencia onde quer que árvores ainda possam ser encontradas crescendo.⁵

Sua vida possivelmente teve algumas relações com seus escritos. Ainda em Birmingham, na cidade totalmente diferente de Sarehole, foi onde possivelmente John Ronald avivou seu pendor linguístico ao observar os vagões galeses que passavam atrás de sua casa. Segundo Kyrmse, era uma língua antiga, porém viva, cujas características

³ As Cartas de J. R. R. Tolkien é um livro em que se reúne uma compilação de trechos de cartas escritas por John Ronald Reuel Tolkien, organizado por Humphrey Carpenter e com a assistência de Christopher Tolkien. No Brasil foi publicado pela editora Arte e Letra em 2006.

⁴ Revista O Universo Fantástico de Tolkien, Ano 1, número 5. Camargo & Moraes Editora, p. 13.

⁵ Ibidem.

acabaram mais tarde moldando a fonologia e gramática do Sindarin, o élfico-cinzento (KYRMSE, 2003, p. 6). Logo, na sexta classe na King Edward's travou contato com o grego e o inglês medieval. Mais tarde (sob a tutela do padre Morgan, após a morte de sua mãe, em 1904 de complicações da diabetes) John Ronald estava munido, além do grego e do inglês medieval, de línguas como latim, francês e alemão, tendo começado a criar suas próprias línguas. Com suas primas, criou várias línguas, e tomando contato na escola, com o gótico – a mais antiga língua germânica conhecida – teve a idéia de que um idioma, mesmo que imaginário, tinha de basear-se em outros mais antigos e passou a trabalhar em suas línguas particulares também sob aspecto histórico (KYRMSE, 2003, p. 7). Essa paixão por línguas justificaria mais tarde seu pendor para filologia, e se tornou nada mais que uma das bases complexas de seus escritos sobre a Terra-Média.

Foi em 1908 que Ronald conheceu Edith Bratt, sua futura esposa, cujo no princípio teve de ser apenas um romance secreto. Padre Morgan proibiu o romance, querendo que o jovem Tolkien se concentrasse nos estudos, e sua obediência deveria durar até a maioridade, aos vinte e um anos.

Mais tarde, alcançada a maioridade, John se reencontrou com Edith e a convenceu em terminar o noivado com outra pessoa, para se casar com ele. A razão por esse destaque da vida pessoal do professor é para apresentar que Edith foi quem inspirou Tolkien a escrever a “Gesta de Beren e Lúthien”, estória publicada no livro póstumo “O Silmarillion”. Lúthien Tinúviel é uma elfa, filha de Thingol (um elfo) e Melian (uma Maia). Era a mais bela dos Filhos de Eru Ilúvatar. Beren era um homem mortal, filho de Barahir que se apaixona perdidamente por Lúthien. A Gesta de Beren e Lúthien conta como Beren, fugiu da destruição causada por Morgoth sobre sua terra no norte, enfrentando perigos. Ao passar por Doriath vê Lúthien dançando num bosque e por ela se apaixona. Seu amor é retribuído, porém o Rei Thingol não o aprova e impõe condições extremas, como a busca por uma Silmaril – três gemas dessas foram criadas por Fëanor contendo a luz das Duas Árvores de Valinor: Laurelin e Telperion. Essas gemas se perderam e uma delas se encontrava na coroa de Melkor. Beren parte em busca da Silmaril e com a ajuda de Lúthien torna-se bem sucedido, embora custando-lhe a vida. Tinúviel parte então a pedir a intervenção com os Valar e eles oferecem duas opções: juntar-se a eles, ou tornar-se mortal e ter Beren de volta. Lúthien então escolhe a mortalidade.

Sobre a ligação da personagem de Lúthien à Edith, o que se sabe é que foi publicado em uma das suas cartas. Esta data-se de 1972, endereçada a Christopher Tolkien, sobre a inscrição que gostaria no túmulo da esposa, com nome, datas de nascimento e falecimento e a indicação do nome “Lúthien”:

Espero que nenhum de meus filhos ache que o uso desse nome é uma bobagem sentimental. (...) Eu nunca chamei Edith de Lúthien – mas ela foi a fonte da história principal de ‘O Silmarillion’. Essa história foi concebida numa pequena clareira de floresta cheia de cicutas em Roos, no Yorkshire. (...) Naqueles dias o cabelo dela era negro, sua pele clara, seus olhos mais brilhantes do que os que você viu e ela sabia cantar e dançar. Mas a história se distorceu, e eu fiquei só, e não posso implorar diante do inexorável Mandos. (...) Para sempre (especialmente quando sozinhos) nós ainda nos encontrávamos na clareira de floresta, e andamos de mãos dadas muitas vezes para escapar da morte iminente, até nossa última despedida.⁶

⁶ Idem, p. 13.

Quando o professor Tolkien conheceu Edith - e foi rapidamente separado dela por cinco anos - ele dedicou-se aos estudos: passou a fazer parte do TCBS (Tea Club, Barrovian Society) – um grupo informal onde amigos se reuniam para tomar chá e discutir sagas antigas. Foi em 1910 que conquistou uma bolsa de estudos no Exeter College da Universidade de Oxford. Antes de se transferir efetivamente para Oxford, fez uma viagem de verão à Suíça em 1911, onde sua imaginação na construção de personagens pode ter começado, de acordo com alguns estudiosos:

As caminhadas pela paisagem alpina lhe forneceram as impressões que mais tarde usaria na narrativa do ‘Hobbit’, e depois no ‘Senhor dos Anéis’. Um cartão postal que comprou nessa excursão representava um ‘Berggeist’ – espírito montanhês – e era uma imagem quase idêntica do personagem Gandalf, com a barba, o chapéu de abas largas, a expressão e a atmosfera que mais tarde viriam a ser associados ao famoso mago.⁷

Em Oxford, Tolkien encontrou entusiasmo em filologia. Apaixonou-se ainda mais pela língua galesa, tornou-se hábil calígrafo, e desenvolveu a prática do desenho e da pintura. Nessa fase, descobriu o finlandês, língua que havia sido “reabilitada”, no século anterior depois de quase morta no seu país, a Finlândia (GALLEN, 1971, p. 93). Isso se deu pelo esforço de Elias Lönnrot, pesquisador que popularizou os antigos mitos do Kalevala. Além da língua, os contos também influenciaram Tolkien na produção de sua própria mitologia. A fonologia e gramáticas finlandesas foram base para a criação do Quenya, ou alto-élfico, a língua mais bem elaborada das que Tolkien criara.

Ser um filólogo garantiu à Tolkien uma maestria em suas obras, sem sombra de dúvida. O estudo de cultura, geografia e principalmente da linguagem proporcionou ao professor Tolkien a criação de obras ambientadas na Terra – Média, de forma tão complexa, detalhada e artística que nos faz compreender o seu apelo intelectual. Uma variedade de línguas, para cada tipo de povos que vivem na Terra – Média, a geografia fora detalhada para cada região, tornando todos os detalhes da criação literária de algum modo verossímeis ou, indiretamente, plausíveis. Além disso, calendários, árvores genealógicas, poemas e provérbios, a fauna e a flora; nenhum detalhe pareceu escapar do autor.

O trabalho de um filólogo profissional é uma mistura engenhosa de história com estudos linguísticos. Ele procura compreender uma determinada língua não como uma estrutura estática, presa no tempo ou no espaço, mas como um organismo vivo, que obedece a uma lógica interna de transformação e mudança, integrando mudanças de sentido ao longo dos tempos, e mudanças formais das palavras. Dessa forma, o filólogo é preparado assim - e como profissional - é então capaz de compreender ao mesmo tempo, a história de uma língua, bem como a história daquele povo que a produziu.

Na universidade, já com Edith, decidiu abandonar os estudos de letras clássicas e passou a estudar o inglês, concentrando-se na literatura e na língua do inglês antigo (ou anglo-saxão até o ano 1100) e médio (até Chaucer). Importante destacar, que um dos poemas anglo-saxões da qual se ocupou, o “Crist” continha versos que nos chama a atenção:

Éalá Éarendel, engla beorhtast, / ofer middangeard monnum sende
 (“Salve, Éarendel, mais brilhante dos anjos / sobre a Terra – média
 enviado aos homens”). ‘Terra – média’ ou middangeard era um termo

⁷ Idem.

normal para designar o mundo em que vivemos, mas Éarendel era incompreensível, ‘muito além do inglês arcaico’, e excitou a imaginação de Tolkien (KYRMSE, 2003, p. 8).

Éarendel do poema anglo-saxão tornou-se mais tarde o protótipo de Eärendil, marinheiro e mensageiro da mitologia criada por Tolkien. Sua história é longa, mas significativa na mitologia tolkeniana, contada no livro “O Silmarillion”. A história de Eärendil começa com seu nascimento logo na primeira era. Com o tempo, começou a ter um desejo pelo mar e por buscar as Terras Imortais, chamada Valinor, querendo reencontrar seus pais e pedir aos Valar compadecimento com Elfos e Homens que padeciam guerreando contra Morgoth. Assim que começou amizade com Círdan, da Ilha de Balar, este o ajudou a construir o mais belo barco de todos os tempos, o Vingilot (Flor de Espuma) e assim saiu em busca de entrar em Valinor, e três vezes voltou derrotado. Enquanto andava pelo mar, os filhos de Feänor travaram uma invasão à Gondolin e Doriath a fim de recuperarem as Silmarils que estavam por lá. Ocorreu uma grande chacina de elfos, e a esposa de Eärendil, Elwing atirou-se no mar com uma Silmaril e foi salva por Ulmo, o Valar dos mares. Transformada em uma ave, Elwing alcançou Vingilot. Desta vez acredita-se que com a luz da jóia (Silmaril) Eärendil obteve sucesso ao atravessar o reino da Terra Abençoada (Valinor). Transmitiu o desejo dos Elfos e Homens de ajuda e os Valar atenderam, enviando um exército a Terra – Média. Por longo tempo os Valar guerrearam com Melkor, e ao fim, desesperado, o Senhor do Escuro lançou um ataque de dragões alados, liderado por Ancalagon, e Eärendil matou-o vencendo de vez o exército do mal e Melkor foi lançado ao vácuo. Os Valar então ofereceram à Eärendil e Elwing que decidissem seus caminhos, e eles optaram por seguir com os Elfos. Seus filhos e descendentes também fazem essa escolha. E desde então, Eärendil viaja pelos céus, em Vingilot, e sua estrela é sinal de esperança entre todos os elfos.

Há uma passagem importante que mostra a significância deste personagem, na Terra – Média:

- E você, Portador do Anel – disse ela voltando-se para Frodo. – (...) Para você, preparei isto. – Ergueu um pequeno frasco de cristal: brilhava quando ela o virava em sua mão, e raios de luz branca emanavam dele. – Este frasco – disse ela – contém a luz da estrela de Eärendil, engastada nas águas de minha fonte. Brilhará ainda mais quando a noite cair ao seu redor. Que essa luz ilumine os lugares escuros por onde passar, quando todas as outras luzes se apagarem. (...) (TOLKIEN, 2001, p. 393).

A estrela de Eärendil leva esperança a todos os povos da Terra – Média. Assim como em qualquer mito que tenhamos conhecimento, como a grega, a nórdica ou hindu, a relevância de uma história (seja ela qual for) traz certo sentido à vida, para o espírito e a vivência em sociedade. Joseph Campbell - um estudioso americano de mitologia e religião comparativa - aponta uma definição de mito, não de busca desse sentido da vida, mas sim de experiência de vida. Lendo mitos você é capaz de captar a mensagem dos símbolos que são apresentados nas literaturas míticas. Ele diz também que o tema básico de toda mitologia é o de que existe um plano invisível sustentando o visível. Em outras palavras, o que sabemos é sustentado pelo que não sabemos. Essa ideia então de sustentação invisível, relaciona-se com a sociedade (CAMPBELL, MOYERS, 1990). Em suas palavras:

A sociedade aí estava, antes de você; continua aí, depois que você se vai, e você é um membro dela. Os mitos que o ligam ao seu grupo social, os mitos tribais, afirmam que você é um órgão de um organismo maior. E a sociedade, por sua vez, também é um órgão de um organismo ainda maior, que é a paisagem, o mundo no qual a tribo se move. O tema básico do ritual é a vinculação do indivíduo a uma estrutura morfológica maior do que a do seu próprio corpo físico (CAMPBELL, MOYERS, 1990, p. 76).

Tolkien talvez tenha conseguido transmitir este senso de experiência de vida a toda Arda, o Universo, de forma coesa e significativa. Mostrando certa continuidade de memória, somos capazes de encontrar não só nas histórias que envolvem Eärendil, como também em outra que anteriormente apontamos esse senso de experiência; a história de Lúthien e Beren. Esta última, tanto tem significância para os próprios personagens criados pelo professor, que por ser uma história mais antiga de antepassados daqueles que vivem a Guerra do Anel, tem ressonância na história de Aragorn e Arwen. Igualmente bela, e descendente direta, Arwen é considerada a elfa mais bela da Terceira Era, “reencarnação” de Lúthien. A mesma se apaixona por um homem mortal, Aragorn, cujo amor é agraciado e a bela Arwen, renuncia a sua imortalidade em nome do amor, assim como sua antepassada. O senso de experiência e memória estão presentes no decorrer da narrativa da trilogia de “O Senhor dos Anéis”, tornando assim as sociedades da Terra-Média com contato com seu próprio passado, sua história e origens, assim como nossas sociedades.

Voltando a certas passagens da vida de Tolkien, foi em 1914 que a Europa entrava numa fase trágica: a guerra. Neste ano Tolkien havia alcançado êxito no exame final de Língua e Literatura Inglesa, e entrado para o Corpo de Fuzileiros de Lancashire. O casamento com Edith se oficializou antes dele partir para combate em 1916. No confronto o professor Tolkien presenciou os horrores da guerra. Perdeu em combate dois de seus melhores amigos do TCBS e contraiu “febre das trincheiras”. Foi nesse período ainda enfermo, no início de 1917 que começou a esboçar a mitologia que ele acreditava ser necessário para a Inglaterra, o que viria a ser mais tarde “O Silmarillion”.

“O Silmarillion” é o berço da Terra – Média, seus escritos seriam histórias da mitologia criada para a Inglaterra que tanto ansiava Tolkien. Se, em tempos de Primeira Guerra Mundial essas histórias começaram a brotar na sua mente, parece transposto, talvez, um pouco pelo sentimento de defender o seu país, já que para Tolkien era irrevogável que a Inglaterra não tivesse uma mitologia a altura das que gostava de ler quando jovem, especialmente a Escandinava. A Primeira Grande Guerra poderia não ser certa influência, mas provavelmente foi um catalisador desse pensamento. Sua infância, os lugares onde viveu, cenas que marcaram sua vida, estudos, pesquisas e coisas pela qual acreditava, merecem crédito como indícios de sua capacidade imaginativa e de criação, para buscarmos entender alguns aspectos da narrativa, atribuídos como mote de inspiração do autor:

Como a maioria das crianças, fantasiava e participava de jogos em que monstros imaginários e feras temerosas percorriam a terra. O extraordinário, contudo, é que tais imagens pareciam ter permanecido muito claras em sua mente, tanto que, quando passou a escrever, foi atraído para esta distante paisagem imaginativa. Quando não pôde mais continuar a representar o papel com o irmão caçula Hilary, começou a criar personagens ficcionais por meio das quais podia brincar indiretamente. É o que fazem todos os escritores de ficção. Mas é significativo que o mundo imaginário de Tolkien tenha deitado

raízes quando ele era muito jovem, e oferecido uma realidade alternativa e extremamente complexa, baseada no mundo quase de contos de fadas do início da infância. Na vida adulta, Tolkien conseguiu pegar essa visão e transformá-la em algo que continua a prender a imaginação de leitores e a invocar uma mitologia totalmente absorvente e verossímil (WHITE, 2002, p. 89).

Sobre a criação de uma mitologia, tudo partiu de seus estudos. Percebendo que de línguas antigas e das culturas que as usavam, chegou a uma conclusão de que ao contrário da Europa Central ou da Escandinávia, a Inglaterra não possuía qualquer conjunto de lendas escritas que formassem uma mitologia completa como estas compunham. A literatura inglesa oferecia alguns fragmentos considerados como mitologia, como histórias arturianas. Tolkien pouco se interessava por Shakespeare que alguns consideram registros de mitos e lendas britânicas, e Chaucer também oferecia pouco interesse. A Inglaterra não tinha a Edda em Prosa, ou o poema épico como Beowulf nem contos mitológicos como o épico finlandês Kalevala. Foi então, sob esse pensamento que encarou a vontade de subcriar um conjunto de mitos, e sagas, combinando imaginação ativa e disciplinada e compreensão da língua, mais que simples palavras.

Acreditamos que Tolkien carregou as histórias da Terra-Média de aspectos perfeitamente instigantes, complexos, completos e dessa forma fascinantes, como os mitos antigos de sociedades greco-romanas, germânicas ou sumérias atingem. Assim como inclusive seus gostos e desejos foram levados em consideração para a sua criação de obras. A Terra-Média é como ele via e sentia o mundo, como um homem a frente de seu tempo, capaz de dar vivacidade às coisas mais triviais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMPBELL, Joseph & MOYERS, Bill. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- GALLEN, Jarl. *A Finlândia, ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Liv. Freitas Bastos, 1971.
- HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- KYRMSE, Ronald. *Explicando Tolkien*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- Revista O Universo Fantástico de Tolkien, Ano 1, número 3. Camargo & Moraes Editora.
- Revista O Universo Fantástico de Tolkien, Ano 1, número 5. Camargo & Moraes Editora.
- TOLKIEN, J. R. R. *As cartas de J. R. R. Tolkien*. Organização: Humphrey Carpenter e Christopher Tolkien. Tradução: Gabriel Blum Oliva. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006.
- _____. *O Silmarillion*. Organizado por Christopher Tolkien; tradução Waldéia Barcellos. 1. Ed. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- _____. *O Senhor dos Anéis*. Tradução: Lenita Maria Rímoli Esteves, Almiro Pissetta. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. *Sobre Histórias de Fadas*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010.
- WHITE, Michael. *Tolkien: uma biografia*. Tradução: Alda Porto. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002.